



**Apologia do devir-mundo na novela  
*Boa noite, Sr. Soares* de Mário Cláudio**

***Apology of becoming-world in the novel  
Boa noite, Sr. Soares of Mário Cláudio***

Arturo Dias<sup>1</sup>

Investigador independente, Braga / Portugal

arturodiaz@live.com.pt

**Resumo:** Partimos da contextualização e ancoragem da novela *Boa noite, Sr. Soares*, nas passagens matriciais do *Livro do desassossego*, para explicarmos as diferenças na reescrita ficcional de Mário Cláudio. Se no *Livro do desassossego*, e na perspectiva de Bernardo Soares, o moço de recados que trabalha no escritório é um feliz nómada nos reinos da imaginação, nesta ficção pós-moderna de Mário Cláudio, recria-se uma atmosfera épocal datada e um clima sócio-político, onde se move o protagonista, António Felício, gravitando em torno do enigmático, Bernardo Soares. Assim, somos confrontados com a banalidade da vidinha de Felício, sitiada pelo meio familiar e a opressiva atmosfera da ditadura. E por contágio de singularidades afectivas e perceptivas, no plano de

---

<sup>1</sup> Investigador independente, com Mestrado em Literatura comparada pela Faculdade de Letras de Lisboa e Doutoramento em Literatura portuguesa e Filosofia contemporânea pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Católica. Colaborador da Revista Portuguesa de Filosofia e da Revista do Centro de Estudos Portugueses da Faculdade de Letras da Universidade de Minas Gerais, Belo Horizonte, tem participado em Colóquios e Congressos, com artigos escritos sobre o Livro do desassossego na perspectiva deleuziana da ontologia da diferença e da estética da imanência. Tem escrito sobre a Poética e a Estética das Paisagens do Artista António Miranda. Com texto prefacial ao livro de Luís Carvalhido, *O fumo dos dias* (2017).

imanência que os envolve, António lá vai experimentando também o seu devir-mundo, a sua *linha de fuga, real* e imaginária, ao opressivo e castrador quotidiano banal, através dos seus devaneios mentais, quase delírios da geografia e da mitologia. Com a particularidade de já não estar envolto na aura de singular viajante feliz com que Bernardo Soares o coroara no *Livro do desassossego*. Aqui, nesta ficção pós-moderna com reescrita paródica, irónica e distanciada, e em tudo o resto, António da Silva Felício é apresentado como um qualquer cidadão comum daquela época que vive a vida de toda a gente, excepto naqueles momentos de individuação singular intensiva por *hecceidades* afectivas e perceptivas, quando entra e experimenta o devir-mundo.

**Palavras-chave:** devir; ficção; pós-moderno.

**Abstract:** We begin with the contextualization and anchoring of the novel *Boa noite, Sr. Soares* in the matrician passages of the *Livro do desassossego*, to explain the differences in the fictional rewriting of Mário Cláudio. If in the *Livro do desassossego*, and in the perspective of Bernardo Soares, the office boy who works in the office is a happy nomad in the realms of the imagination, in this postmodern fiction of Mário Cláudio, recreates a dated epocal atmosphere and a partner climate political, where the protagonist, António Felício moves, gravitating around the enigmatic, Bernardo Soares. Thus, we are confronted with the banality of Felício's life, surrounded by the family environment and the oppressive atmosphere of the dictatorship. And through contagion of affective and perceptive singularities, in the plane of immanence that surrounds them, Antonio there also experiences his becoming-world, his real and imaginary escape line, to the oppressive and banal daily castrator, through his mental daydreams, almost delusions of geography and mythology. With the particularity of being no longer enveloped in the aura of the singular happy traveler with whom Bernardo Soares had crowned him in the *Livro do desassossego*. Here, in this postmodern fiction with parody, ironic and distanced rewriting, and in everything else, António da Silva Felício is presented as any ordinary citizen of that era who lives the lives of all people, except in those moments of singularly intensive individuation by affective and perceptive hecceities, when entering and experiencing the becoming-world.

**Keywords:** overcoming; fiction; post-modern.

Recebido em 7 de junho de 2018

Aprovado em 11 de julho de 2018

## 1

“A vida é uma viagem experimental, feita involuntariamente. É uma viagem do espírito feita através da matéria, e como é o espírito que viaja, é nele que se vive.”

(SOARES, 1998, p. 338)

O nosso intuito com este breve ensaio consiste em determinar, descrever e explicar o modo como um escritor, nosso contemporâneo, Mário Cláudio, reescreve o parte do universo ficcional do *Livro do desassossego*, concretamente a figura semi-heteronímica de Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros num escritório da Baixa lisboeta, na sua latitude imanente afectiva e relacional com esse banal e prodigioso rapaz de recados, António da Silva Felício.

Neste sentido, estamos perante uma apropriação parcial do universo do *Livro do desassossego* e é nesse território transversal que vamos insistir e afirmar uma tese: não obstante a atmosfera pardacenta e entrópica da Lisboa dos anos 30, micro-clima de um país adiado e por cumprir, a nossa leitura destas duas figuras salientes de *Boa noite, Sr. Soares* acaba por afirmar que a *verdadeira vida* se cumpre no devir-imóvel, nessa génese estática ontológica criadora de mundos. Não se trata, por conseguinte, de afirmar apenas a *verdadeira vida*, mas também de dar valor a essa consistência virtual dos sonhos, potência expressiva do *real* virtual, no confronto com uma posição de Eduardo Lourenço no breve ensaio intitulado *Mário Cláudio – uma poética do virtual*:

Tudo de passa, porém, como se Mário Cláudio, cobrindo a realidade com uma espécie de cinza sufocante obrigasse as coisas, os seres, os tempos que ele sepulta a revelar-se em ausência, com redobrado fulgor. Fulgor crepuscular das coisas de onde a vaga vital se retirou, existência da ficção brilhando pura no escrínio de uma noite que tudo e todos devem atravessar para merecer não sei que improvável primavera. (LOURENÇO, 1994, p. 206)

Como veremos, nos seus melhores momentos de individuação singular intensiva, também António Felício subscreve esta declaração de Bernardo Soares: “Como todo o indivíduo de grande mobilidade mental, tenho um amor orgânico e fatal à fixação. Abomino a vida nova e o lugar desconhecido.” (SOARES, 1998, p. 143).

Por conseguinte, ambos valorizam a *mobilidade mental*, o sonho como viagem-imóvel nas sensações verdadeiras com os seus devires-intenso-imperceptível, devir-paisagem-mundo. A nomadologia destas almas singulares implica o devir-imóvel, *devenir sur place*, para melhor poder devir-outros, através da intensificação abstracta das faculdades do espírito, criador de novas possibilidades de vida. Por conseguinte, a viagem objetiva no espaço euclidiano é secundária, porque não lhes permite contrair e condensar as singularidades intensivas, afetos, audições e *Visões*: “Viajar? Para viajar basta existir. Vou de dia para dia, como de estação para estação, no comboio do meu corpo, ou do meu destino, debruçado sobre as ruas e as praças, sobre os gestos e os rostos, sempre iguai e sempre diferentes, como afinal, as paisagens são.” (SOARES, 1998, p. 398).

## 2

Começar por determinar esta ficção, *Boa noite, Sr. Soares*, como uma novela, serve apenas como requisito metodológico para pensar esta obra. De facto, a sua leitura atenta depara-se com a mistura de géneros, mais concretamente um hibridismo genológico, tão característico desta pós-modernidade, legitimadora de um *ethos* paródico e cínico, mas também da expressão da pluralidade ontológica e da diversidade de mundos ficcionais que se *inter*-penetram. Deste modo, estamos perante um “Jogo intertextual e metaficcional de espelhos, já que à complexa ficção do invento do heterónimo se acrescenta agora um outro devaneio ficcional, por interposta pessoa, comprovando a existência misteriosa e vulgar da tal figura fantasmática de Fernando Pessoa.” (MARTINS, 1990, p. 279).

De facto, podemos começar a pensar *Boa noite, Sr. Soares*, a partir desta contextualização matricial do *Livro do desassossego*. Como modo de exemplificação da sua *meta*-experiência de viajar nas sensações, sonhando, sentindo e pensando, Bernardo Soares fala-nos de um jovem viajante singular, em quase permanente devir-imóvel, na consistência da sua génese estática ontológica. Trata-se de um viajante imóvel que viaja na sua mente e no seu espírito por cidades, países e paisagens. Esse

singular viajante era um moço de recados que trabalhava para o escritório de Bernardo Soares. Na sua imobilidade, ele tinha uma alma nómada. Para sonhar e viajar nas sensações, ele colecionava folhetos de cidades e países; tinha mapas e recortava ilustrações de paisagens desses folhetos com viagens por Itália, Índia e Austrália. Com esses mapas e ilustrações, ele agenciava o seu desejo de devir-imóvel, viajando mentalmente por mundos virtuais, *reais*. E pelo facto de desejar desse modo, ao ponto de abrir um *fora*, ele já estava na imanência dos movimentos absolutos da imaginação! Traçava cartografias mentais e tinha o seu *corpo sem órgãos nómada*, o seu *fora*, um plano de consistência virtual de percepções singulares.

Esse moço do escritório era um viajante com alma, o maior viajante, o mais verdadeiro e o mais feliz que Bernardo Soares diz ter encontrado porque tinha uma fecunda e consistente vida interior de mobilidade mental. Essa alegria na viagem imóvel, advem dos dinamismos da alma contemplativa, capaz de contrair e de condensar as singularidades que lhe dão uma endo-consistência. A alma contemplativa fica povoada de *pequenas almas*, visões, audições e afetos. Como afirma Bernardo Soares: “Não só era o maior viajante, porque o mais verdadeiro, que tenho conhecido: era também uma das pessoas mais felizes que me tem sido dado encontrar.” (SOARES, 1998, p. 399).

No mesmo *Livro do desassossego*, Bernardo Soares evoca como ele não só sabia de cor os nomes de várias vias férreas que atravessavam a Europa, como proferia esses nomes com a convicção luminosa da sua alma dilatada. Talvez no presente, ainda na óptica de Soares, ele tenha perdido essa faculdade de sonhar, viajando nas sensações, ao tornar-se um mero brinquedo entrópico e imobilista de uma sociedade alienada, ao viajar apenas com o corpo no espaço objetivo, euclidiano. Mas é provável que na velhice se lembre de como é melhor e mais verdadeiro sonhar com Bordéus do que lá desembarcar:<sup>2</sup> “Hoje, sim, deve ter existido para morto, mas talvez um dia, em velho, se lembre como é não só melhor,

---

<sup>2</sup> Como na *Recherche* de Marcel Proust, a propósito de Veneza, o sonho tem uma consistência virtual e uma intensidade própria, uma consistência ontológica que o torna mais verdadeiro do que a realidade empírica, porque as intensidades diferenciais não estão recobertas pela extensão e pelas qualidades. Daí a conveniência, ainda proustiana, e partilhada por Mário Cláudio, de primeiro sonhar *l’ambiance et l’esprit du lieu*, antes de o visitar *in loco*.

senão mais verdadeiro, o sonhar com Bordéus do que desembarcar em Bordéus.” (SOARES, 1998, p. 452).

Para explicar a singularidade desse viajante mental, Bernardo Soares supõe que estaria imitando alguém num jogo, o jogo ideal das singularidades que reenvia para a alteridade e os duplos virtuais de que as entidades heteronímicas são uma actualização. Sobretudo, ele considera que, naquele aprendiz de caixeiro, havia um devir-criança, um inocente-devir na imanência com a fluidez de uma vitalidade intensiva e a espontaneidade singular da inteligência exofórica, própria de um anjo da guarda, e que essa singularidade se perdeu com a banalidade da submissa vida adulta: “Ou... sim, julgo às vezes, considerando a diferença hedionda entre a inteligência das crianças e a estupidez dos adultos, que somos acompanhados na infância por um espírito da guarda, que nos empresta a inteligência astral [...]” (SOARES, 1998, p. 452).

Ainda no *Livro do desassossego*, o próprio Bernardo Soares experimenta constantemente essa viagem mental na consistência do seu devir-imóvel. Ele devém para traçar uma linha de fuga abstracta, linha de vida e criação, que o conecta com um *fora*, o plano de consistência de todas as multiplicidades virtuais: ritmos, afectos e *Visões* singulares. Às vezes, também descreve a gênese estática ontológica que ocorre à janela do seu quarto andar, que se abre para o infinito. Aí, ele sonha de acordo com o ritmo das suas viagens mentais. Deste modo, para Bernardo Soares, sonhar consiste em viajar nas sensações e implica um devir estático ontológico: “Do meu quarto andar sobre o infinito, no plausível íntimo da tarde que acontece, à janela para o começo das estrelas, meus sonhos vão por acordo de ritmo com a distância exposta para as viagens aos países incógnitos, ou supostos, ou somente impossíveis.” (SOARES, 1998, p. 376). Nesta gênese estática contemplativa, ele confessa que tem vivido imenso na sua imobilidade que lhe permite sentir mais, pensar mais e imaginar ao ponto de devir, isto é, aumentar a sua consistência ontológica, a sua *puissance* de vidareal, puramente virtual.

### 3

“A vida é o que fazemos dela. As viagens são os viajantes. O que vemos, não é o que vemos, senão o que somos.”

(SOARES, 1998, p. 398)

Após esta contextualização necessária e matricial no *Livro do desassossego*, importa descrever, analisar e ressaltar as diferenças inscritas em *Boa noite, Sr. Soares*. Ora nesta ficção pós-moderna de Mário Cláudio, o protagonista recebe o nome de António Felício, aprendiz de caixeiro, vivendo em Campolide, dado a ver por si mesmo, no ambiente familiar e na Lisboa pardacenta e asfíxica dos anos 30. Este ponto de vista sobre si é disfórico, mostra-nos *um homem sem qualidades singulares*, sitiado pela banalidade quotidiana do seu meio familiar e pela cinzenta e opressiva atmosfera da ditadura salazarista infiltrada em todo o tecido social. Nada se passa de singular na sua vidinha nem à sua volta, excepto quando observa essa enigmática *persona*, Bernardo Soares, trabalhando no escritório, ou quando com ele tem a oportunidade de se encontrar. Aí, há a estranheza do Acontecimento como uma ressonância interna que faz eco, uma espécie de contágio e osmose de percepções, linhas de fuga e vida subliminar, entre Soares e Felício. O devir-outro, em suma:

Eu disse que corava, e a verdade é que continuo a corar, destes pensamentos, mas como agir de maneira diferente, com vista a lidar com a estranheza que o senhor Soares provocava em mim? [...] E até ele, diga-se em abono da verdade, não se me afigurava um cidadão diverso do comum, se bem que não resistisse a atribuir-lhe o mistério, ou a dedicar-lhe o respeito, que supunha decorrente da sua condição de poeta, e que se manifestava no seu andar permanentemente nas nuvens. (CLÁUDIO, 2008, p. 43, 72)

Tendo chegado a este ponto, importa determinar o modo como essa estranheza de Bernardo Soares contagia *ab intra*, na ficção de Mário Cláudio, essa vidinha banal das circunstâncias sócio-familiares, ao ponto de António Felício entrar também nesse processo de devir-paisagem-mundo. Digamos, para começar, que é pelos processos *de adjunção de corpos* e *condensação de singularidades* afectivas e perceptivas, que António entra nessa onda de intensificação, de devir-outro, devir-paisagem-mundo, exprimindo o seu devaneio quase delirante pela geografia e a mitologia:

Virei-me com receio, erguendo os olhos, dei com o senhor Soares ali de pé, e juro que vi, sucessivamente reflectidos nas lentes dos óculos redondos, o maciço dos Cárpatos, um templo em Bornéu, e uma ilha minúscula no mar das Antilhas. Aflorou-me então aos

lábios o tal «Boa noite, senhor Soares» que de novo não consegui articular. E eis que seria ele, o poeta, quem me saudaria num murmúrio, dirigindo-se logo a seguir para a porta de saída, com um «Boa noite, meu viajante», que nunca mais esqueci, e que bem se percebia ter-lhe subido do fundo da alma. [...] Começava por delinear o itinerário que me levaria a Itália, navegando de Lisboa a Génova, e descendo de comboio a Florença, a Roma, e finalmente a Nápoles. Arquitectava depois um longo roteiro na Índia que incluía Goa e Bombaim e Calcutá, e uma visita ao palácio do marajá de Jaipur. Seguia mentalmente o traçado do caminho-de-ferro que atravessava planícies e serras, e inventaria os nomes dos deuses de que ouvira falar, ou sobre os quais lera alguma coisa, e que me surgiam, ora terríveis, ora sorridentes, vociferando ameaças de morte, ou dançando numa anémoma de braços.” (CLÁUDIO, 2008, p. 61, 68)

Embora não entremos na explicação desta ideia, pensamos que, para escrever esta ficção, Mário Cláudio entrou não só num devir-*outros*, Bernardo Soares-António, como *atravessou* teia complexa do *drama em gente* pessoano, com a particularidade de se mover na onda pós-moderna de um registo paródico com reescrita irónica e distanciada. E por isso mesmo, em divergência com o *pathos* existencial que Eduardo Lourenço (2003) viu no *drama em gente* pessoano; em divergência também com o agenciamento rizomático de intensidades em jogo na expressão do universo heteronímico, lido por José Gil (1987).

Não obstante esta consideração, em *Boa noite, Sr. Soares*, emerge a intuição de que Bernardo, na sua radical despersonalização e imperceptibilidade, é a condição de todos os devires e uma figura de ligação do universo heteronímico. Tudo isto que enunciamos é a condição do devir-escrita e processa-se por contágio subliminar ou molecular de singularidades afectivas e perceptivas. Por conseguinte, não cabem aqui projecções subjectivas nem transferências psicóticas:

E é então que principio a resvalar em definitivo para o sono, quando a claridade me entra já pelas frinchas da persiana, e o senhor Soares se dirige a um país muito distante que no meu torpor se chama «Mar Português». Atrás dele segue uma fosca multidão, e a primeira individualidade que nela distingo é aquele famoso doutor Reis, marchando muito erecto, e com um livro aberto na mão direita, e um lápis em riste na mão esquerda, e que vai contando as sílabas de um verso, ou dividindo as orações de



uma estrofe. E logo depois desloca-se um ser muito especial, do qual em breve fornecerei detalhada notícia, de monóculo, traçando uma perna sobre a outra, ao caminhar, tal e qual como fazem as putas de luxo, e fixando com magnética intensidade o olhar no olhar de quanto moço de trolha se cruza com ele. Desfilam por fim diversas figuras inidentificáveis, precipitando-se para o crepúsculo do Tejo com uma pressa no limite da cabriola. E quando cada uma delas retira a máscara de cera, e volta para mim a cabeça, é o rosto do senhor Soares que reconheço, tão lívido e solitário nos óculos e bigode que um espasmo que arrepanha as tripas, e me sento estremunhado na cama desfeita.” (CLÁUDIO, 2008, p. 57-58)

## Referências

- CLÁUDIO, M. *Boa noite, Sr. Soares*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2008.
- GIL, J. *A imagem-nua e as pequenas percepções*. Estética e metafenomenologia. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2005.
- GIL, J. *Fernando Pessoa ou a metafísica das sensações*. Lisboa: Relógio D'Água, 1987.
- LOURENÇO, E. *O canto do signo*. Lisboa: Editorial Presença, 1994.
- LOURENÇO, E. *Pessoa revisitado*, Lisboa: Gradiva, 2003.
- MARTINS, J. C. *Lisbon Revisited: Mário Cláudio e a revisitação de Lisboa de Fernando Pessoa*. *O escritor*, Lisboa, n. 24/25, p. 277-285, 1990.
- SILVA, T. L. da. Travessias de um desassossego: Mário Cláudio e a fortuna criadora de *Boa noite, Senhor Soares*. *Desenredos*, UEFS/Bahia, n. 9, ano III, abr.-maio-jun. 2011.
- SOARES, B. *Livro do desassossego*. 1ª Edição de Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim, 1998.